

O épico e o banal

(notas sobre ato, *acting out* e ato analítico)♦

Marcus André Vieira

O argumento central dessas *Notas*, assim como fartas passagens, foram extraídos do livro *A presença do analista*, redigido com Romildo do Rêgo Barros (Contra Capa, 2024, no prelo). O texto foi redigido ainda com base em minhas notas para o debate a partir das apresentações de “... meu tranquilíssimo delírio”, por Romulo Ferreira e “Mishima: Beleza, erotismo e morte”, por Gaby Camaly, na plenária *Dois escritores*, no XIV Congresso da AMP, Paris, fevereiro de 2024. Tomo essas *Notas* como convite à leitura dos textos citados.

Da angústia ao ato

É preciso partir da angústia. Ela é esse tempo de tensão no qual o mundo está de pernas para o ar, tumultuado, dando a sensação de que tudo pode acontecer, mas que nada, efetivamente, acontece. De forma paradoxal, é exatamente essa grande indefinição que pode levar a uma redefinição geral, a partir de subversão das escoras subjetivas, como se tudo mudasse de lugar, marcando um antes e um depois. É o que Lacan denomina “ato”, mais especificamente, no caso de uma análise, *ato analítico*.

A ação específica de uma análise é produzir essa reviravolta, essa subversão no saber e no corpo, promovendo um rearranjo que, eventualmente, muda um destino. Em algum sentido, essa operação é análoga à indicação maior de Lacan com respeito à angústia e ao ato: “o ato retira da angústia sua certeza”. Não poderíamos dizer que *uma análise extrai, da angústia, o ato?*¹

Finalmente, partindo das coordenadas afetivas da angústia é impossível pensar que uma análise deixe o corpo de fora, pois há sempre um envolvimento dos aspectos mais concretos quando as memórias e as narrativas são remexidas em análise. Uma análise, ao transformar uma vida, opera essencialmente sobre o desejo. Nesse sentido, como diz a expressão, não é possível tirar o corpo fora.

Como situar o que ocorre após o ato sabendo que sua potência é em parte a da destruição das coordenadas subjetivas anteriores? Talvez seja mais fácil abordar inicialmente esse paradoxo de destruição criativa, próprio da pulsão de morte freudiana, em seu viés coletivo. Até a indigente cultura neoliberal reconhece este plano ao propor o dito que circula nas redes sociais: “A vida começa além da zona de conforto”. De fato, impossível qualquer nova relação com o gozo se não correremos o risco do ato, avançando, em algum momento, neste plano da angústia, deixando a área que no ideário liberal de hoje é chamada “zona de conforto”.

♦ Publicado como: Vieira, M. A. O épico e o banal. Correio: Revista da Escola Brasileira de Psicanálise São Paulo: Escola Brasileira de Psicanálise, n. 93, 2024.

“Fazer” um ato!? (O ato e seu agente)

A fórmula lacaniana destaca como há uma certeza necessária para se dar este passo, mas ela é como diz Lacan desde seu “Tempo Lógico...” *antecipada*.² É preciso avançar, seja como for, na certeza de que não há alternativa, mas sem certeza alguma de onde isso vai dar. Avança-se dessubjetivamente.

Não há sujeito do ato, como Lacan repete tantas vezes. Talvez, nesse sentido, fosse melhor falar em *acontecimento*, não apenas para abrir o escopo do ato, mas para afastar a ideia de que o sujeito seria o agente do ato. É o que propõem tanto A. Badiou quanto Deleuze. Se eliminamos o agente do ato em todo seu paradoxo (de um agente que é agido e que, em sua ação, sai de cena, sai de si) perdemos o pé no chão da clínica. Por isso, provavelmente, Lacan insistiu no termo ato, destacando ao mesmo tempo que o ato é um *acontecimento* sem sujeito.

No entanto, a nuvem conceitual em torno do termo ato, no ensino de Lacan, encerra o perigo de trazer consigo a fantasmagoria épica do herói ou do sobre-humano que conseguiria realizar a façanha que ninguém ainda havia realizado: de se transmutar por escolha própria ou, ainda, do lado do analista, de ser ele capaz de “fazer um ato” por força de seu desejo decidido.

O analisante avança não porque age em grande sabedoria, ao contrário, no ato ele é bem mais objeto que sujeito. Como afirma Lacan: *no ato analítico o objeto é ativo e o sujeito é subvertido*.³ O motor do ato analítico é o resto.

Do lado do analista, o trabalho é o de poder bancar o objeto *a*, sustentar essa presença, feita de estranheza, de um resto que fala mais do sujeito que tudo o que ele pode pensar de si, mas que é mais causa de angústia que de prazer.⁴

Promovendo, assim, a relação do analisante com seu próprio objeto resto, o analista promove o ato, essa possibilidade do sujeito se ver tomado, objeto de uma lembrança que o arrasta para uma nova configuração de si mesmo. A frase-chave de Lacan, neste sentido é “Após o ato, o sujeito reencontra sua presença renovada”.⁵

A barata de Clarice (e o ato e o objeto)

Segue um exemplo que, em muitos sentidos, é o avesso do da travessia do Rubicão por Júlio César, exemplo maior de Lacan para o ato. A estrutura me parece idêntica com o foco colocado mais no objeto do que no sujeito. É o ato da protagonista de *A Paixão segundo GH*, de Clarice Lispector, de comer a “massa branca” do interior de uma barata.⁶

A patroa entra no quarto de empregada pela primeira vez na vida que está vazio porque a empregada tinha sido demitida. Ela decide fazer uma faxina e se surpreende ao topar com uma barata. A partir desse encontro com algo inominável neste objeto, toda uma série de experiências e interrogações virão e todas têm em seu centro a questão: o que se seria o ato de “transmutação” que me tornaria outra que não eu mesma e, dessa forma, finalmente, verdadeiramente eu mesma?

Nesse texto extraordinário, muitos dos elementos do ato ficam evidentes. A dessubjetivação, que Clarice Lispector chama de *deseroização*. O modo como o ato extrai suas coordenadas de uma configuração prévia para subvertê-la - neste caso, a vida da dona de casa, madame. Outro elemento essencial é o esvaziamento de toda transcendência do ato, ele apenas é umas das possibilidades da estúpida existência humana. Neste sentido ela o denomina *ato ínfimo*. De fato, um ato envolvendo uma barata já morta não pode ser algo muito épico.

A decisão da protagonista é centrada no resto: apostar no aspecto resto irreduzível do objeto dejetivo no sentido de uma experiência de transformação. Por esse motivo, decide comer a massa branca da barata.

Eu pensara que a maior prova de transmutação de mim em mim mesma seria botar na boca a massa branca da barata (...). E enfim realizaria o ato ínfimo (...) não o ato máximo como antes eu pensara, não o heroísmo e a santidade. Mas enfim o ato ínfimo que sempre me havia faltado (...) (50).

Não há sujeito, mas há objeto.

É que a redenção devia ser na própria coisa. E a redenção na própria coisa seria eu botar na boca a massa branca da barata (46).

A personagem avança em plena dessubjetivação:

... a deseroização de mim mesma está minando subterraneamente o meu edifício cumprindo-se à minha revelia como uma vocação ignorada até que me seja enfim revelado que a vida em mim não tem o meu nome (...) Levantei-me e avancei de um passo com a determinação não de uma suicida mas de uma assassina de mim mesma (49).

“Como uma sonâmbula” ela, de fato, come a massa branca.

As baratas de Mishima (ato e *acting out*)

É preciso agora, contrapor o ato analítico ao *acting out* para melhor destacar a função do objeto no ato. Neste sentido, vale contrapor a barata de Clarice às baratas de Yukio Mishima nesta passagem de *Vida à venda*:

...inclinou-se um pouco para debaixo da pequena mesa instável e estendeu a mão. Os seus olhos depararam-se então com algo repugnante. Em cima da folha caída estava uma barata, completamente imóvel. No exato momento em que esticou a mão, o inseto cor de mogno brilhante afastou-se com impressionante vitalidade e perdeu-se no meio das palavras impressas na página. Apesar do asco que sentira, levantou o jornal, pôs a página que tinha estado a ler em cima da mesa e voltou a passar os olhos por ela. Subitamente, todas as letras que tentava articular transformaram-se em baratas. Os seus olhos perseguiam as letras enquanto elas fugiam, mostrando com nitidez os dorsos repugnantes de um vermelho escuro. «O mundo reduz-se a isto e a nada mais do que isto.» Foi uma revelação súbita. E terá sido a percepção dessa revelação que desencadeou nele o desejo avassalador de morrer.⁷

Enquanto Clarice ilumina o ponto de *deseroização* do ato, menos evidente no exemplo de Júlio Cesar, para lançar luz no resto que tudo move, Mishima esvazia o sujeito por esvaziar o objeto (agora apenas uma letra como outras). Verifica-se, em contraponto à cena da *A Paixão segundo GH*, como, quando o objeto é puro nada, nada vale a pena.

O romance onde encontra-se essa passagem, *Vida à venda* é uma lição de *acting-out*. Decidido a morrer, seu protagonista anuncia nos classificados sua decisão de vender a cena de sua própria morte. Seu empregador, então, o contrata para conquistar sua ex-mulher afim de que o novo marido assassinasse o casal, terminando preso.

Ele aceita atuar o necessário para morrer na cena de morte prevista por seu empregador. Busca o real, da morte neste caso, atuando, protagonizando uma cena. O fato que seja de outro, só torna mais patente como a cena é sempre uma fabricação, atefato. De um modo ou de outro, sua escolha de *acting-out* é a de nunca sair de cena, lançando-se fora de cena, como seria o ato suicida. Por esta razão, mete-se nas mais variadas peripécias em que amor, traição, sexo e violência estão presentes. Sentimos, porém, assim como ele, ao longo de todo o romance, que algo do gozo se mantém inatingível. É exatamente o que

continha a massa branca da barata. Como ela foi esvaziada por Mishima de saída, de qualquer ex-sistência real, nada pode acontecer a não ser tentativas infinitas de criar a cena que finalmente teria em seu centro o real.⁸

A vida “se me é” (depois do ato)

Uma vida sem esse real fora da vida não vale a pena. Não porque é preciso que haja grandes coisas a serem conquistadas, mas porque a vida acontece nas grandezas ínfimas e não em seus elementos supravitais.

Retornando à Clarice:

Entendi então que de qualquer modo viver é uma grande bondade para com os outros, basta viver, e por si mesmo isso resulta na grande bondade. (...) Estar vivo é inumano (47).

O ponto seria, sobretudo, viver a vida, simplesmente viver a vida sem transcendência e sem tomar a carência como falta. A vida como a vida que “se me é...”. Assim, conclui-se esse formidável texto.

O mundo independia de mim - esta era a confiança que eu tinha chegado: o mundo independia de mim (...), como poderia eu dizer [isso] sem que a palavra mentisse por mim? Como poderei dizer se não timidamente assim: a vida se me é. A vida se me é, e eu não entendo o que digo. E então adoro (51).

Da “redenção” ao banal: a água-viva

Para concluir, mais uma redução no sentido do *ato ínfimo*. Não mais épico, mas nossa apreensão do ato, poderia ainda resvalar para o misticismo do não-saber, caso fiquemos nesse “ser tomado pelo objeto” como paixão existencial. Ser tomado como objeto, na análise, não é uma transcendência, é concreto - remete a situações e memórias de se estar no colo da mãe, ou de levar uma palmada, por exemplo. Por isso, não há redenção pós-ato analítico, não há terra prometida a ser alcançada.

Compare-se, então, o acontecimento de Clarice com os acontecimentos de Ana Maria Marques em *O que nos aconteceu*:

O que nos aconteceu
o que não nos aconteceu
têm o mesmo peso no poema
Ontem visitamos
nosso amigo doente
era comovente ver seu esforço
para parecer melhor do que estava
Andamos um pouco pela praia
a certa altura me dei conta
de que nunca perguntei onde ele nasceu
Encontramos uma água-viva na areia
alguém disse que ser assim
indistinguível como a areia da areia
o mar do mar
deve ser algo próximo da felicidade
Uma dessas coisas não aconteceu.⁹

Banal? Apenas em aparência. Haveria tanto a ler nestes poucos versos, mas precisamos concluir, destaco dois pontos apenas.

O sujeito, agora, é um “nós” impessoal e o ato é uma coleção de coisas acontecidas, inclusive colocadas em dúvida. A ênfase dada na importância secundária da realidade factual ou não do acontecimento é convergente com o fato de que o material elaborado por uma análise, desde *Construções em análise*, necessariamente inclui alguma coisa que não aconteceu.¹⁰ Só é possível incluir o real como um impossível de dizer em meio aos ditos. E esses ditos, na borda do real, incluirão sempre um ponto de ficção paradoxal, *fixação* no neologismo lacaniano.¹¹

Por último, o objeto, a água-viva. Que bela maneira de encarnar o objeto de uma vida que inclui a contingência, de uma vida que “se me é”. A transparência da água-viva no mar, torna indistinguível, areia, água-viva, mar. Água-viva é um correlato quase perfeito da ausência de sujeito no ato, dos perigos e do risco desses momentos, mas igualmente a encarnação objetual do *litoral* de Lituraterra, do horizonte de *lalíngua* como real de uma análise.

¹ “Agir é arrancar da angústia a própria certeza”, Lacan, J, *O Seminário, livro 10*, Rio de Janeiro, JZE, 2005, p. 88.

² Vale conferir a retomada por Lacan no seminário sobre a angústia dessa referência: a função da precipitação, Lacan, *ibid*, p. 193.

³ Lacan, J. “O engano do sujeito suposto saber”, *Outros Escritos*, Rio de Janeiro, JZE, 2003, p. 332.

⁴ Cf. “O analista, como corpo, instala o objeto no lugar do semblante”, Lacan, J. *O Seminário, livro 19*, Rio de Janeiro, 2012, JZE, p. 40.

⁵ Lacan, J. *O seminário, livro 15* (inédito), lição de 27/11/67.

⁶ Lispector, Clarice, *A paixão segundo GH*, São Paulo, Rocco, 1964 (os números de página ao final de cada citação correspondem a esta edição). Farei o sacrilégio de fixar nosso zoom na ingestão da massa branca como clímax do ato, mesmo sabendo que o texto segue de ato em ato até o fim em uma genial estrutura telescópica e vertiginosa.

⁷ Mishima, Y. *Vida à venda*, Portoeditora, Porto, 2019, p. 6.

⁸ Para evitar a esterilidade da psicobiografia, aeixarei de lado todo o infinito debate sobre seu suicídio que, esse, discute-se, teria sido um ato e não um *acting-out*. Apenas ressalto o contraste de temas prevalentes em ambas as obras: De um lado, a loucura que ronda o cotidiano mais pacato e simples em qualquer lugar: de uma dona de casa, mãe de família. Do outro: violência e morte, masoquismo, suicídio encenado e épico. Remeto aos textos das apresentações de Gabriela Camaly e de Romulo Ferriera acima citados.

⁹ Marques, Ana Martins, “O que aconteceu”, in: MARQUES, A. M.; SISCAR, M., *Dois janelas*, São Paulo, Luna Parque Edições, 2016, p. 28.

¹⁰ Cf. Neste sentido, cf. Miller, J. A., “Marginália de “Construções em Análise””, *Opção Lacaniana*, n. 17, EBP, São Paulo, 1996, pp. 92-107.

¹¹ Lacan, J. “O Aturdido”, *Outros Escritos*, Rio de Janeiro, JZE, 2003, p. 480.